

CARTA DO EDITOR

Em recente reunião do conselho editorial fizemos uma avaliação sobre a revista e, em vários sentidos, os resultados são gratificantes. A apresentação de originais submetidos à publicação vem crescendo progressivamente, permitindo maior tranquilidade no planejamento de novos números. A resposta dos pareceristas tem sido extraordinária. São contribuições substantivas que garantem a qualidade dos artigos aprovados, gerando uma produtiva troca de correspondência com os autores e um ganho significativo para o produto final. Tudo isso vem se traduzindo em manifestações de apreço sobre a qualidade de *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, que indicam seu reconhecimento no meio acadêmico.

Outro aspecto destacado nessa avaliação é o reconhecimento de que *Manguinhos* vem adquirindo, pelo perfil de seus leitores, maior nitidez de seu projeto editorial. O vasto campo da história, das ciências e da saúde vem se traduzindo em produtos que dão materialidade a interfaces polarizadas pelo tema saúde. Por outro lado, prevalece a leveza da revista em sua proposta estética, abertura disciplinar e de formas de expressão.

A epidemiologia comparece nesse número com dois artigos de fundamentação teórica de autores que marcam presença com estilos instigantes e abertura para novos campos de reflexão. Gil Sevalho discorre sobre o tempo social/tempo epidemiológico, valendo-se de contribuições da história e geografia. Ele destaca as repercussões da globalização e da aceleração do tempo no período contemporâneo para a compreensão da epidemiologia, em especial das doenças emergentes. Luis David Castiel analisa a complexidade da construção da categoria risco através de vertentes da engenharia de segurança, da epidemiologia e das ciências atuariais, com referência também à biologia molecular, para demonstrar a contextualização histórica e de visão de mundo desse construto e suas repercussões psicológicas, sócio-culturais e na comunicação social.

A relação entre a epidemiologia e a história é analisada por Rodolpho Telarolli Júnior no caso da febre amarela, por suas implicações com a imigração estrangeira e a formação de políticas de saúde no estado de São Paulo a partir de 1890.

Flávio Coelho Edler demonstra, em artigo escrito a partir de sua tese de mestrado, a necessidade de se repensar os momentos constitutivos da medicina experimental no Brasil. Para o autor, aquela fase foi anterior e mais complexa do que a visão descrita tradicionalmente. Essa sua idéia vem sendo defendida em outros trabalhos de Jaime Benchimol, Luiz Antônio Teixeira e Luiz Otávio Ferreira, todos pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz. Flávio demonstra como a tradição clínica na medicina oitocentista não constituiu barreira estrutural ao debate sobre a inovação laboratorial.

Anne Marie Moulin, autora de trabalho consagrado sobre a história da imunologia, relembra a existência de diferentes noções sobre o sistema imunológico, ressaltando que, no processo de legitimação da imunologia enquanto ramo da ciência, a construção desse conceito transborda as fronteiras do biológico, estabelecendo diálogo entre a ciência biológica e as ciências humanas.

Na seção 'Fontes', Maria do Carmo Teixeira Rainho descreve o acervo Coleção Privilégios Industriais do Arquivo Nacional sinalizando quanto ao seu potencial como fonte para a história da saúde. O depoimento do biólogo Célio Rodrigues a Tania Fernandes e Antônio Torres Montenegro tem o sabor especial de um relato pessoal sobre o cotidiano da prática do cientista-sanitarista envolvido no combate à peste bubônica no agreste pernambucano. No debate, especialistas vinculados a universidades, empresas e instituições de pesquisa discutem os processos interativos em busca de novas tecnologias e os direitos à propriedade intelectual de novos produtos.

Agora, é conferir: à revista.

Paulo Gadelha
editor